

O privilégio duvidoso das apátridas

Patrícia da Silva Santos¹

Resumo: O artigo apresenta uma reflexão sobre a literatura de exílio de língua alemã, tendo como fonte primária obras redigidas por escritoras que se refugiaram na América Latina devido a perseguições pelo regime nacional-socialista. Proponho introduzir algumas discussões acerca dessas obras, sublinhando três dimensões: 1) a possibilidade de ler essa produção sob a perspectiva dos estudos de gênero; 2) as peculiaridades da literatura de exílio e da exposição literária apátrida, com destaque para temas como encontro cultural, trânsito linguístico e de identidade; 3) as relações entre essas produções e a *Shoah* a partir do “teor testemunhal” que comportam. Empiricamente, a reflexão se pauta pelas obras das seguintes escritoras de língua alemã: Hilde Domin, exilada na República Dominicana; Paula Ludwig e Marthe Brill, no Brasil; Lilo Linke, no Equador; Lenka Reinerová e Alice Rühle-Gerstel, no México.

Palavras-chave: Exílio; Literatura; Testemunho; Gênero; Nacional-Socialismo.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará. Doutora em sociologia pela Universidade de São Paulo, com estadia de pesquisa na Universidade de Munique, realizou pós-doutorado no Deutsches Literatur-Archiv Marbach e na Universidade Estadual de Campinas. OrcID: orcid.org/0000-0002-1266-1311. E-mail: patricia215@gmail.com. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa de pós-doutorado concedida para a realização da pesquisa que originou esse artigo.

THE DUBIOUS PRIVILEGE OF STATELESS WOMEN

Abstract: The article presents a discussion about German-language exile literature taking as primary source works written by female writers, who took refuge in Latin America due to persecution by the national-socialist regime. I propose to introduce some discussions about these works, highlighting three dimensions: 1) the possibility of reading this production from the perspective of gender studies; 2) the peculiarities of the exile literature and the stateless literary exposition, with emphasis on subjects like cultural meeting, linguistic and identity transit; 3) the relationship between these productions and the *Shoah* from the “testimonial content” they hold. Empirically, the reflection is guided on works of the following German-speaking female writers: Hilde Domin, who was exiled in the Dominican Republic; Paula Ludwig and Marthe Brill, who were in Brazil; Lilo Linke, who was in Ecuador; Lenka Reinerová and Alice Rühle-Gerstel, who were in Mexico.

Keywords: Exile; Literature; Testimony; Gender; National-Socialism.

Introdução

Para Edward Said, o exílio registra nos sujeitos que lhe são submetidos uma “tristeza essencial”, que “jamais pode ser superada”, “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal”² – condição que Adorno nos legou, a seu modo, ao traduzir o próprio desterro sob a forma de retratos de uma “vida danificada”³. Por outro lado, por meio das experiências singulares que desencadeia, o exílio acaba desaguando em um enriquecimento próprio da existência “entre dois mundos”, como diria Anatol Rosenfeld⁴. O exilado pode ser visto como o ponto de convergência entre forças sociais (que, de um lado, forçam o exílio e, de outro, conformam a existência nele) e forças anímicas (que, por meio de

² SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 46-60.

³ ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, p. 36.

⁴ ROSENFELD, Anatol. Introdução. In: ROSENFELD, Anatol (Org.). *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

traços característicos, tanto orientam a forma individual como se vivencia a experiência do exílio quanto procuram conformar-se a essa situação, configurando novas formas de identidade). Certamente as interações entre os domínios externos (ou sociais) e os internos (ou anímicos) não são unilaterais, mas circulares, o que os torna indissociáveis: é justamente isso que concede especificidade e possibilita a constatação de conteúdos homogêneos na literatura fruto do exílio forçado⁵. Ou seja, os conteúdos históricos e sociais, em alguma medida inerentes a qualquer forma de expressão artística, aparecem de maneira intensificada na literatura produzida em situação de exílio, pois remetem a situações traumáticas que interligam de maneira inextricável destinos individuais e a violência oriunda de poderes nacionalistas.

Entre os anos de 1933 e 1945, a literatura de língua alemã experimentou uma situação de banimento sem precedentes. “Não há quase nenhum país no mundo para o qual os escritores alemães não tenham sido levados.”⁶ A segunda edição da biobibliografia *Deutsche Exil-Literatur 1933-1945* [Literatura alemã do exílio 1933-1945] apresenta aproximadamente 2 mil nomes⁷. Entre os destinos desses autores, a América Latina não foi um lugar privilegiado. Isso se deveu, em parte, a restrições vinculadas à cultura, à língua e à organização social dos países latino-americanos, em parte a razões de cunho político, diplomático ou

⁵ Nesse sentido, ao analisar a presença do judeu no cenário da literatura brasileira, Waldman assevera, introdutoriamente: “A premissa básica é a de que a cena violenta da emigração transferir-se-ia também para a linguagem, tornando impossível ao escritor deslocado sentir-se ‘em casa’, lançado que é ao ‘lugar de alterações itinerantes’ [...]”. WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2002, pp. XVIII-XIX.

⁶ HERZFELDE, Wiland apud DURZAK, Manfred. Literarische Diaspora. Stationen des Exils [Diáspora literária. Estações do exílio]. In: DURZAK, Manfred (org.). *Die deutsche Exilliteratur 1933-1945* [A literatura de exílio alemã 1933-1945]. Stuttgart: Reclam, 1973, p. 40.

⁷ Infelizmente, essa bibliografia não está muito atualizada e data de 1970. De todo modo, mesmo com a dificuldade para acessar os números recentes devido às contingências da bibliografia disponível no Brasil, este dado fornece uma ideia do problema. Cf. STERNFELD, Wilhelm; TIEDEMANN, Eva. *Deutsche Exilliteratur 1933-1945: eine Bio-Bibliographie* [Literatura de exílio alemã 1933-1945: uma biobibliografia]. Heidelberg: Lambert Schneider, 1970.

mesmo devido a restrições no que refere às políticas imigratórias⁸. No caso do Brasil, por exemplo, graças ao estudo já clássico de Tucci Carneiro, são conhecidas as restrições impostas pelo governo de Getúlio Vargas, simpatizante da Alemanha nazista, à entrada de refugiados e a adoção de medidas notadamente nacionalistas, como a proibição da comunicação em língua estrangeira em público (1938) e o fechamento de jornais e editoras alemães em 1941⁹. Na Argentina, país latino-americano que mais recebeu refugiados do nazismo (por volta de 45 mil)¹⁰, a situação do judeu exilado também era muito difícil, pois o nacionalismo e o antisemitismo foram uma marca naquele país – embora em Buenos Aires tenham sido possíveis a criação de uma editora de exílio (*Cosmopolita*) e a fundação de órgãos de imprensa de resistência ao nazifascismo como o *Argentinisches Tageblatt* e *Das andere Deutschland*¹¹. No México, embora os exilados tenham criado um jornal (*Das freie Deutschland*) e uma editora (*El libro libre*), os “intelectuais que foram” para lá “tornaram-se, de repente, políticos sem seguidores e escritores sem leitores, mesmo quando seus nomes tinham tido alguma ressonância na Europa”¹². A República Dominicana, por

⁸ Uma ideia desses contextos pode ser depreendida do seguinte compêndio: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *O Anti-semitismo nas Américas*. Edusp: São Paulo, 2007.

⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

¹⁰ KOHUT, Karl; MÜHLEN, Patrick von zur (Orgs.). *Alternative Lateinamerika: das deutsche Exil in der Zeit des Nationalsozialismus* [Alternativa América Latina: o exílio alemão na época do nacional-socialismo]. Frankfurt a. M.: Vervuert, 1994; KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo: Edusp, 2003, pp. 21-60.

¹¹ FRIEDMANN, Germán C. Alemanes antinazis e identidad alemana en la Argentina. La conformación de una identidad colectiva en un grupo minoritario, *Studi Emigrazione*, Centro Studi Emigrazione Roma, v. XLVI, n. 174, pp. 447-67, abril-junio de 2009. No Brasil, um veículo importante para a expressão dos exilados era o jornal *Crônica Israelita*, fundado em 1938. Cf. ECKL, Marlen. “Der Schmelzriegel” – die Darstellung São Paulos in Malerei, Literatur und Fotografie der Familie Brill [“O cadinho”, a exposição de São Paulo na pintura, literatura e fotografia da família Brill], *Martius-Staden-Jahrbuch*, n. 58, p. 16, 2011.

¹² BOPP, Marianne O. de. Die Exilsituation in Mexiko [A situação do exílio no México]. In: DURZAK, Manfred (Org.). *Die deutsche Exilliteratur 1933-1945*. Stuttgart: Reclam, 1973, pp. 175-82. De todo modo, o país possui uma relevância específica como exílio

um paradoxo racista da história, foi o único país que se declarou pronto a receber um grande número de judeus na Conferência para refugiados de Évian em 1938: o então ditador Rafael Leónidas Trujillo Molina queria promover um “branqueamento” da população¹³.

De todo modo, conforme mencionei em outro lugar¹⁴, a despeito das dificuldades, a América Latina também abrigou muitos refugiados intelectuais e escritores, mesmo que a maioria deles não contasse com muito reconhecimento no período da migração forçada. Essa peculiaridade contribui para o fato de que as pesquisas sobre literatura do exílio latino-americano de língua alemã ainda apresentem lacunas importantes. Alguns autores, como Stefan Zweig, Anna Seghers e Paul Zech – que eram renomados antes do banimento – contam com uma fortuna crítica já consolidada. No caso do exílio em terras brasileiras, especificamente, há dois trabalhos que procuraram resgatar a história de escritores relativamente menos discutidos: a pesquisa pioneira de Kestler¹⁵, que apresenta um rol de indicações biográficas de todos os intelectuais (até então conhecidos) exilados no Brasil e a pesquisa de Marlen Eckl¹⁶, que oferece um panorama amplo da “imagem de Brasil” concebida por parte dos refugiados do nacional-socialismo.

latino-americano, na medida em que foi “o principal país de exílio para seguidores do partido comunista”. ALEMANHA, Stiftung Jüdisches Museum Berlin; Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland (Orgs.). *Heimat und Exil. Emigration der deutschen Juden nach 1933* [Pátria e exílio. Emigração dos judeus alemães pós 1933]. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2006, p. 143.

¹³ DREKONJA-KORNAT, Gerhard. Sosúa o el exilio austríaco en la República Dominicana. In: DOUER, Alisa; SEEBER, Ursula (Orgs.). *Qué lejos está Viena. Latinoamérica como lugar de exilio de escritores y artistas austríacos*. Zirkular, Viena, número especial 44, pp. 82-3, 1955.

¹⁴ SANTOS, Patrícia da Silva. Nação e palavra: escritores de língua alemã no exílio latino-americano, *Interseções*, v. 21, n. 2, pp. 410-31, ago. 2019.

¹⁵ KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo: Edusp, 2003.

¹⁶ ECKL, Marlen. *Das Paradies ist überall verloren. Das Brasilienbild von Flüchtlingen des Nationalsozialismus* [O paraíso perdeu-se por todos os lados. A imagem de Brasil dos refugiados do nacional-socialismo]. Frankfurt a. M.: Vervuert, 2010.

Contudo, muitos nomes permanecem pouco visitados pelo debate em torno da literatura de exílio. Neste texto, procuro contribuir com tal debate, apresentando reflexões baseadas em pesquisa centrada em seis escritoras exiladas na América Latina por causa de perseguições do regime nacional-socialista: Hilde Domin, exilada na República Dominicana; Paula Ludwig e Marthe Brill, no Brasil; Lilo Linke, no Equador; Lenka Reinerová e Alice Rühle-Gerstel, no México. Não apresentarei uma interpretação sistemática de cada uma dessas escritoras. A proposta consiste, antes, em mobilizar suas obras a partir de três eixos de problemas.

Em primeiro lugar, busco destacar o caráter específico da experiência como estrangeiro como problema crucial da literatura de exílio. Aqui, são mobilizadas discussões centrais das relações entre sociologia e literatura, como alteridade, identidade, integração e estranhamento, com o intuito de destacar a cristalização em obra literária do encontro cultural realizado em um único indivíduo em situação de exílio.

Em segundo lugar, no caso da diáspora promovida pela *Shoah*, a literatura de exílio contém também um forte teor testemunhal¹⁷ ligado a uma experiência-limite. Nesse sentido, as obras aqui investigadas também estão inscritas na tensão entre impossibilidade e urgência inerente a esse tipo específico de narrativa: *impossibilidade* de narrar a catástrofe promovida por regimes totalitários e/ou ditatoriais e suas consequências para o próprio sentido da existência humana e *urgência* de registrar algo que “aconteceu, logo pode acontecer de novo”¹⁸, precisamente porque a exigência de rememorar os vencidos da história aparece como a única forma de elaboração dos traumas implicados nesse tipo extremo de fenômeno de dominação política.

Por fim, interessa-me assinalar as relações entre gênero e literatura, com o objetivo de destacar como desigualdades histórico-sociais na participação de homens e mulheres na esfera pública se imprimem no discurso literário.

¹⁷ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2006, p. 48.

¹⁸ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 164.

Exílio

A reflexão sobre o exílio que orienta minha interpretação das obras mobilizadas a seguir baseia-se em grande medida nas próprias experiências concretas de exiladas e exilados de língua alemã perseguidos pelo nazismo.

Nessas reflexões, há um destaque grande para a ambiguidade dessa ideia de exílio. No caso específico do exílio provocado pelo nazismo, há uma violência originária extrema, por isso ele não pode ser pensado de maneira separada das marcas de sofrimento. Os exílios motivados por perseguição política carregam uma origem calcada no autoritarismo. Porém o que intelectuais exilados que pesquisei igualmente destacam é que todos os trânsitos identitários promovidos pela migração forçada também foram, de algum modo, fontes de enriquecimento. Há, portanto, essa ambiguidade do exílio, que as definições sempre ressaltam, ora privilegiando uma dimensão, ora outra.

Dentre tais definições, a que foi proposta por Anatol Rosenfeld é bastante sintomática do caráter paradoxal da situação. Para ele, a situação do apátrida encerra um “privilegio duvidoso”¹⁹ (a expressão foi feita em referência à situação do escritor Franz Kafka, pensada como “paradigma” da consciência da situação contemporânea de solidão, estranhamento e exílio). Essa definição ambígua reaparece em muitos relatos de exilados do nacional-socialismo.

Vilém Flusser, autor de uma espécie de filosofia da apatridade, afirma acerca de si mesmo “sou apátrida, porque em mim encontram-se armazenadas várias pátrias. Isso se revela diariamente em meu trabalho. Sou domiciliado em no mínimo quatro idiomas e me vejo desafiado a traduzir e retraduzir tudo o que tenho a escrever”.²⁰

Em muitos relatos, poemas e romances de mulheres que vieram para a América Latina, é possível perceber elementos que lidam com a complexidade dessa “existência entre dois mundos”: de um lado, a ruptura

¹⁹ ROSENFELD, Anatol. Introdução. In ROSENFELD, Anatol (Org.). *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967, p. 6.

²⁰ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos. Uma autobiografia filosófica*. São Paulo: AnnaBlume, 2007, p. 295.

dolorosa com os “inúmeros fios que conectam inconscientemente à pátria”²¹, de outro, as possibilidades abertas pelo contato com outros grupos sociais e outros códigos nacionais. Tendo esses e outros referenciais em mente, busquei observar como as mulheres que estiveram na América Latina elaboraram em documentos de cultura, de um lado, o trânsito cultural que é inerente ao exílio e, de outro, os deslocamentos subjetivos e de identidade.

Nesse sentido, destaco a obra de Hilde Domin (1909-2006), poetisa e ensaísta que logrou grande reconhecimento na Alemanha após o retorno ao seu país natal. O caso dela é paradigmático para a compreensão dos trânsitos subjetivos inerentes ao exílio, uma vez que até mesmo seu próprio nome foi alterado a partir dessa experiência: a autora, que esteve exilada na República Dominicana, adotou para si parte do nome do país de exílio (Domin). Além disso, foi no exílio que Domin começou a escrever. Há um texto autobiográfico que é bastante sintomático em relação a todos os trânsitos identitários pelos quais ela passou no exílio:

Eu, H. D., sou espantosamente jovem. Vim ao mundo apenas em 1951. Chorando, como todos vêm a esse mundo. Não foi na Alemanha, apesar do alemão ser a minha língua mãe. Era falado espanhol e o jardim diante da casa estava cheio de coqueiros. Mais exatamente: eram onze coqueiros. Todos coqueiros machos e, portanto, sem frutos. Meus pais estavam mortos quando eu vim ao mundo. Minha mãe tinha morrido poucas semanas antes.

[...]

Assim que eu, Hilde Domin, abri os olhos, que choravam, naquela casa nas margens do mundo, onde a pimenta cresce e o açúcar e as mangueiras, mas a rosa apenas raramente, e maçãs, trigo, bétula de maneira alguma, eu, órfã e banida, lá eu levantei e fui para casa, na palavra. “Eu construo um quarto para mim no ar / entre os acrobatas e pássaros”. De onde não posso ser banida. A palavra, porém, era a palavra alemã. Por isso, eu naveguei de lá de volta através do mar para onde a palavra vive. Havia três anos desde meu nascimento. Eu estive ausente por 22 anos.²²

²¹ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos. Uma autobiografia filosófica*. São Paulo: AnnaBlume, 2007, p. 296.

²² DOMIN, Hilde. *Unter Akrobaten und Vögeln. Fast ein Lebenslauf [Entre acrobatas e pássaros. Quase um currículo]*. In: DOMIN, Hilde. *Gesammelte autobiographische*

Vale retomar, sucintamente, uma análise do trecho que já desenvolvi anteriormente²³. O segundo nascimento de Domin se realiza por meio da palavra, de modo que a literatura se apresenta como o meio que devolve à autora coisas muito preciosas: um lar, de onde ela não pode ser banida; uma identidade, que implica até mesmo um novo nome; e a língua materna. A produção literária que Domin desenvolve posteriormente leva a marca dessa experiência autobiográfica do banimento e do exílio. Por outro lado, ela também se configura como a possibilidade do recomeço e da liberdade para exercer a própria identidade. Elementos muito peculiares à literatura de exílio são elaborados no trecho citado:

as línguas estrangeiras (“era falado espanhol”); o estranhamento de coisas que não pertencem à pátria-mãe, do mesmo modo que a ausência de coisas que, ao contrário, eram tão familiares; mas, por outro lado, há também essa ideia incisiva da língua mãe como a casa de onde não se pode ser banida.²⁴

No que se refere especificamente à língua materna, Domin reafirma essa perspectiva com frequência:

Para mim, a língua é o que não é passível de perda [*Unverlierbare*] depois que todo o resto se mostrou passível de perda. O último lar irremovível. Apenas o fim da pessoa, a morte cerebral, pode tomá-la de mim: a língua alemã. Nas outras línguas que falo, sou uma hóspede. A língua alemã era o apoio, a ela devemos o fato de que pudemos manter a identidade conosco.²⁵

Schriften. Fast ein Lebenslauf [Escritos autobiográficos completos. Quase um currículo]. Frankfurt a. M.: Fischer, 1998, p. 21.

²³ SANTOS, Patrícia da Silva. Nação e palavra: escritores de língua alemã no exílio latino-americano. *Interseções*, v. 21 n. 2, pp. 410-31, ago. 2019; *Idem*. Literatura de exílio: quando o chão que resta é a palavra. In: *Anais 40º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: ANPOCS, 2016.

²⁴ *Idem*, Nação e palavra: escritores de língua alemã no exílio latino-americano. *Interseções*, v. 21 n. 2, pp. 410-31, ago. 2019, cit. p. 427. *Idem*, Literatura de exílio: quando o chão que resta é a palavra. In: *Anais 40º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: ANPOCS, 2016, p. 18.

²⁵ DOMIN, Hilde. Rundfunkstatement 1975. In: SCHEIDGEN, Ilka. Abel, steh auf, damit es anders anfängt zwischen uns. Begegnungen mit Hilde Domin [Abel, levante-se para

De todo modo, Hilde Domin retornou à Alemanha e alcançou reconhecimento com seus poemas escritos na língua nativa. Outras pessoas não tiveram essa mesma sorte. E, para quem escreve poesia, a língua mãe é fundamental, dadas as dificuldades para expressar-se no gênero em uma língua estrangeira. Paula Ludwig (1900-1974), poetisa exilada no Brasil, vivenciou esse problema. Mesmo que tenha continuado a escrever, seus textos permaneceram em grande parte sem público, ratificando a advertência que o poeta franco-alemão Iwan Goll lhe havia feito antes da migração: “Você pode viver em qualquer lugar. Mas sua poesia não”²⁶.

De todo modo, a exemplo de Domin, o tema do exílio se manifesta de diferentes maneiras na obra da autora, como aparece nesse trecho poético.

Brasil 1943

Pacientemente, Daruga – o burro de carga preto –
pisa seu sofrimento na terra vermelha –

A jararaca – a serpente mortal – não mais aterroriza
um coração – que foi banido por terror mais profundo –

Bondosamente, trovoadas agudas despertam de sonhos difíceis
aquele que dorme imerso em sono pesado

No telhado, a chuva toca
o ritmo do tempo enlouquecedor –

Quantas sementes verdejantes floresceram diante dos olhos desse que
observa!

Quantas primaveras envergonharam a alma desse que espera!

Quantos verões trouxeram para perto dele
sobre ombros negros o fruto dourado!

Árida, sussurra a contagem dos anos na memória do banido – ²⁷

que comece algo diferente entre nós. Encontros com Hilde Domin]. *Publik – Forum*, ano 21, n. 15, p. 34, 14 de agosto de 1992.

²⁶ HELWIG, Heide. “Ob niemand mich ruft”. *Das Leben der Paula Ludwig* [“Se ninguém me chama”. A vida de Paula Ludwig]. Ebenhausen bei München: Langewiesche-Brandt, 2002, p. 161.

²⁷ LUDWIG, Paula. *Gedichte. Gesamtausgabe* [Poesia. Obras Completas]. Ebenhausen bei München: Langewiesche-Brandt. 1986, pp. 261-2.

A tradução apresentada é literal, não obedecendo rima e métrica. Porém o intuito é destacar os elementos de exílio que aparecem no poema, como os motivos brasileiros ligados à natureza, também as questões relativas à desigualdade racial (elemento recorrente nos poemas da Ludwig), a memória do banimento etc. De qualquer forma, também nesse poema há a dualidade da condição de exílio que percorre toda a obra de Ludwig. Muitas vezes aparece o sentimento de gratidão pelo acolhimento em terras brasileiras. Mais tarde, após o retorno à Alemanha, ocorrido em 1953, Paula Ludwig iria reconhecer em diferentes ocasiões que seu “amor pertence ao Brasil, a São Paulo”²⁸, que seu “coração” não deseja ir para Munique ou qualquer outra cidade, mas para o Brasil. Em uma carta a Bertold Brecht datada de 1961, ela escreve: “Amo o Brasil! Vivi treze anos lá – muito difíceis e, apesar disso, muito inspiradores. Sempre. E embora eu não conhecesse a língua – todas as simpáticas pessoas me entendiam”²⁹.

Por fim, ainda no que tange ao tema do exílio, também é possível perceber um envolvimento grande de algumas exiladas com problemas políticos e sociais latino-americanos. É o caso de Lilo Linke (1906-1963), jornalista e escritora alemã, que esteve no Equador, aprendeu quíchua, tinha uma grande preocupação com a educação e a defesa de indígenas, mulheres, campesinos e operários. Ela também esteve na Amazônia brasileira e permaneceu na América Latina até sua morte. Em 1952, viajou para a Bolívia e documentou o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) em um livro chamado *Viaje por una revolución*. A autora permaneceu no país por três meses e seu relato é um registro único de uma testemunha ocular desse episódio importantíssimo do país sul-americano. O livro foi publicado apenas quatro anos depois da viagem de Linke, em 1956, no Equador. Ele foi escrito originalmente em inglês, pois a intenção de Linke era publicá-lo nos Estados Unidos, contudo ela não encontrou nenhuma editora interessada. Na introdução, a autora adverte:

Esta es la historia del pueblo boliviano de hoy, tal como me fue contada por mineros del estaño y campesino indígenas, por ingenieros y políticos, profesores y autoridades del gobierno. Durante tres meses,

²⁸ HELWIG, Heide. “Ob niemand mich ruft”. Das Leben der Paula Ludwig. Ebenhausen bei München: Langewiesche-Brandt, 2002, p. 245.

²⁹ *Ibidem*, p. 245.

en el presente año, viajé por gran parte del país, a veces sola, a veces acompañando al Presidente de la República, a Ministros de Estado, o a dirigentes del Movimiento Nacionalista Revolucionaria, actualmente Partido de gobierno.³⁰

De fato, o texto oferece muitos testemunhos desse contato de Linke com o povo boliviano. Em linguagem simples e direta, a autora narra em primeira pessoa acerca de sua experiência na Bolívia revolucionária, reproduz diálogos que teve seja com o presidente revolucionário Paz Estenssoro, seja com os indígenas ou os trabalhadores das minas, descreve em detalhes eventos festivos, a mediação de conflitos entre patrões e empregados feita por ministros do governo revolucionário, as condições de moradia, educação e saúde dos bolivianos de então.

Linke visitou diferentes lugares da Bolívia durante sua estadia, desceu nas perigosas minas onde os mineiros trabalhavam sob condições extremamente precárias (em uma delas, teria sido a primeira mulher a adentrar), habitou suas moradias, alimentou-se com eles, participou de suas festas. A autora demonstra um interesse bastante genuíno em conhecer a gente revolucionária das entradas da Bolívia – pessoas que aceitaram pegar em armas em prol das causas do MNR. Linke relata que, dentre essas causas, uma das principais era a nacionalização das minas – que estavam, em sua maioria, nas mãos de capitalistas estrangeiros. Ela conheceu os grandes problemas da Bolívia, como o alcoolismo, a educação bastante precária e o embate entre tradições e modernidade que imperava de maneira muito forte entre os populares bolivianos. Tudo isso, a autora relata com base em experiências pessoais, muitas vezes, reproduzindo toda a situação que vivenciou em suas viagens.

Testemunho

A literatura de exílio fruto da diáspora provocada pelo nacional-socialismo conserva aquilo que Márcio Seligmann-Silva caracteriza como “teor testemunhal”. De acordo com essa concepção, a literatura que tem como matéria a narração de catástrofes históricas (como a *Shoah*) ocupa

³⁰ LINKE, Lilo. *Viaje por una revolución*. Quito: Ed. Casa de la cultura ecuatoriana, 1956.

um terreno difícil de discernir, na medida em que não se conforma nem como gênero literário, propriamente, nem como historiografia tradicional. Trata-se de um tipo de relato que traduz em texto um sofrimento e uma realidade que são da ordem do indizível. Nesse sentido, essa literatura coaduna a dimensão estética com a ética:

Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o “indizível” que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência.³¹

As mulheres interpeladas nesse texto não tocaram o fundo, não estão entre os que o escritor Primo Levi chamou de afogados³², ou seja, pessoas que não voltaram para contar. Mas suas experiências estão impregnadas do horror nazista. De algum modo, ao escrever, elas também precisam lidar com o paradoxo da literatura de testemunho: a urgência de contar e a impossibilidade inerente ao trauma de simbolizar. Os sobreviventes de grandes catástrofes contemporâneas, como a *Shoah*, mas também as ditaduras latino-americanas, o genocídio armênio, guerras diversas etc., passam por experiências-limite que, por um lado, estão impossibilitadas de serem comunicadas, mas, por outro, exigem a comunicação, pois somente a simbolização desses eventos possibilita sua elaboração.

Essa questão aparece de modo paradigmático em Lenka Reinerová (1916-2008), jornalista e escritora judia nascida em Praga e exilada por um breve período no México. Sua literatura é paradigmática para pensar naquele teor paradoxal da literatura de testemunho porque ela é muito marcada pela busca por imagens cotidianas para tentar significar o trauma, como uma espécie de contraponto.

Ao relatar, por exemplo, sua posterior visita ao campo de concentração de Ravensbrück, onde 92 mil mulheres foram mortas, Reinerová tenta, recorrentemente, imaginar detalhes das violências que essas vítimas teriam sofrido antes de morrer – entre elas, estava sua

³¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2006, p. 48.

³² LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

irmã. É como se a verdadeira dor e autenticidade dos fatos tivessem sido também extermínadas para sempre junto com as vidas dessas vítimas.

Uma pessoa. Isso é cada um de nós, uma pessoa – isso quer dizer viver. Duas pessoas, isso somos você e eu. Eu amo você, e você me ama, duas pessoas já são indizivelmente muitas. Três pessoas, isso já é um milagre: pai e mãe e seu primeiro filho. Quatro pessoas, isso são os vizinhos da redondeza, a família correta. Cinco pessoas, seis pessoas, dez. Dez mulheres sentam-se na sala de espera de uma maternidade. Dez pessoas, em breve elas serão vinte. Tudo isso é verdade, tudo isso existe.

92.000 mulheres tiveram suas vidas tiradas em Ravensbrück.

“Você pode imaginar...” Tomo o braço do homem ao meu lado.

Ele diz em voz baixa: “todos os cidadãos de uma cidade média”.³³

Para Reinerová, a placa que expunha o número com as cifras relativas às vítimas de Ravensbrück não era passível de representação, pois tais cifras “tinham dígitos demais, eram muito inexpressivas em seu caráter inimaginável”³⁴. No texto, ela segue supondo o que de equivalente ocorreria se todos esses cidadãos de uma cidade desaparecessem, sempre tomando situações cotidianas que deixaram de ocorrer: “nenhum bonde toca mais a campainha”, nenhuma fumaça sairia da fábrica, os pães se tornariam duros na padaria, “apenas o vento lê o livro”, “aqui nunca uma boca dá um beijo” etc.

A perspectiva da exposição do cotidiano, que ganha cada vez mais espaço na literatura ocidental ao lado dos elementos mais sublimes ou trágicos, foi concebida por Erich Auerbach³⁵ como uma das características mais expressivas do realismo literário. No caso da literatura com “teor testemunhal”, a combinação que Reinerová faz recorrentemente em sua obra literária entre elementos trágicos ligados à catástrofe e aspectos prosaicos poderia, talvez, ser lida como uma forma de superar a aporia

³³ REINEROVÁ, Lenka. *Der Ausflug zum Schwanensee*. In: REINEROVÁ, Lenka. *Der Ausflug zum Schwanensee* [A excursão para o Schwanensee]. Berlim e Weimar: Aufbau, 1983, pp. 97-8.

³⁴ *Ibidem*, p. 97.

³⁵ AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

inerente à narração do trauma. É como se o excesso de trágico do fenômeno *real* (esse que não é passível de representação) tivesse que ser contraposto e medido a partir da confrontação com a vida cotidiana, essa à qual todos estão sujeitos. Depois que o trágico, a exceção, tomaram conta da realidade de um modo tal que nem a literatura seria capaz de expor, então o texto literário precisa recorrer mais ainda ao elemento prosaico do mundo para reforçar a denúncia da catástrofe. O contraste entre mundo banal e cotidiano e o horror extremo serve, nesse sentido, para deixar uma imagem mímina acerca deste último – que é irrepresentável. No passo seguinte do seu texto, Reinerová descreve o dia a dia das próprias prisioneiras de Ravensbrück: elas tinham que tecer o uniforme dos homens prisioneiros, costurar luvas para os soldados. “Dez mil peças. Poeira e cabelos no ar, tuberculose. Cem mil peças. Às vezes, morriam aqui cem mulheres em um dia. O crematório trabalhava sem interrupção.”³⁶ E desse trabalho de memória e elaboração que vai sendo tecido no processo de escrita do relato da visita, Reinerová conclui que “não se deve poder representar tudo” – é como se os fatos terríveis tivessem ultrapassado a barreira que limita a própria capacidade de imaginação humana.

Gênero

O último aspecto que gostaria de elaborar com base na pesquisa acerca das escritoras de língua alemã exiladas na América Latina se refere ao gênero. Essa dimensão talvez seja a mais espinhosa de todos, pois não gostaria de essencializar novamente a subjetividade das mulheres afirmando que existe uma literatura inequivocamente feminina, como se as mulheres tivessem uma forma predefinida de escrita literária. Defendendo essa postura, estaria afirmando novamente os padrões heteronormativos. Porém, por outro lado, a história nos mostra o quando o domínio da escrita, assim como outros domínios do discurso e da esfera pública, é majoritariamente masculino. As mulheres que ousaram

³⁶ REINEROVÁ, Lenka. *Der Ausflug zum Schwanensee*. In: REINEROVÁ, Lenka. *Der Ausflug zum Schwanensee* [A excursão para o Schwanensee]. Berlim e Weimar: Aufbau, 1983, p. 99.

participar desse domínio certamente tiveram seus discursos marcados por essa contingência.

Do ponto de vista histórico das desigualdades das relações de gênero, as formulações de uma das exiladas que vieram para a América Latina também contribuíram bastante para elaborar esse aspecto. Trata-se de Alice Rühle-Gerstel (1894-1943), uma intelectual marxista de muitas facetas: ela escreveu trabalhos na área de psicologia, sociologia e também romances. Esteve exilada no México, onde conviveu intensamente com Leon Trótski, tendo registrado em livro³⁷ aspectos dessa experiência. Entre seus trabalhos, está também uma monografia intitulada *O problema da mulher no presente. Um balanço psicológico*, impressa em 1932 – postumamente, em 1972, esse livro foi republicado sob o título *A mulher e o capitalismo*.

Não é possível recuperar aqui todo o argumento desse trabalho bastante inovador de Rühle-Gerstel, mas o aspecto fundamental do seu argumento é que a desigualdade de gênero marca de ponta a ponta as sociedades capitalistas, que teriam radicalizado a dominação masculina ao pautarem pelos homens todas as suas instituições públicas. Nesse sentido, ela denunciou o fato de que:

As sociedades nas quais os assim chamados povos civilizados vivem são – em relação à questão de gênero – designadas pelo fato de que são sociedades masculinas. Todas as instituições, leis, determinantes, costumes, opiniões públicas são construídas com base no gênero masculino. Nessa sociedade, os homens exercem, exclusiva ou predominantemente, as funções mais importantes e mais influentes.³⁸

No âmbito da história literária, também confirmamos essa constatação de Rühle-Gerstel. O mundo masculino, por causa de sua publicidade, também costuma ser associado de modo mais inequívoco ao discurso claro, objetivo. As mulheres foram alocadas “na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado”,

³⁷ RÜHLE-GERSTEL, Alice. *Kein Gedicht für Trotzki. Tagebuchaufzeichnungen aus Mexico* [Nenhum poema para Trótski. Registros do diário do México]. Frankfurt: Neue Kritik, 1979.

³⁸ *Idem. Die Frau und der Kapitalismus* [A mulher e o capitalismo] [1932]. Frankfurt: Neue Kritik, 1972, p. 13.

conforme argumenta Margareth Rago³⁹. Do ponto de vista do discurso, em especial, da literatura, assim como dos demais domínios da vida social, essas desigualdades têm consequências. Uma delas é que o discurso das mulheres é constantemente taxado de incoerente, sua identidade é, muitas vezes, definida pela falta de racionalidade que teria vigência na esfera pública, pela ausência da lógica necessária à comunicação discursiva.

Tendo essas questões em mente, durante a pesquisa, uma pergunta que me guiava era também esta: como a literatura feita por mulheres busca questionar as desigualdades históricas de gênero? É preciso adotar a linguagem pretensamente clara, objetiva do discurso masculino? Ou, ao contrário, é necessário afirmar essa suposta “essência” feminina que estaria mais ligada à natureza, aos “ciclos da vida”?

Algo que percebi analisando os relatos tem a ver com uma elaboração que a filósofa Jeanne Marie Gagnebin faz a respeito da “literatura feminina”. Em um texto dos anos 1980, ela sugere que a potencialidade da literatura feminina não estaria nem na adoção do discurso literário tal qual ele era formulado pelos homens, nem na afirmação de uma identidade mais ligada à natureza e a processos biológicos que foi historicamente delegada às mulheres. A literatura produzida por mulheres seria tanto mais feminista quanto menos se encaixasse nessas duas opções fixas de afirmação da identidade de gênero. “Trata-se, sim, de deixar para trás essa definição unilateral da essência feminina e de permitir às mulheres inventar-se na pluralidade.”⁴⁰ No negativo das identidades preconcebidas estariam as possibilidades para uma literatura escrita por mulheres: “Poderíamos dizer, de maneira paradoxal, que as mulheres podem e devem ousar descobrir-se nem masculinas nem femininas, pois é esta divisão que as impede de ser elas mesmas”⁴¹.

Muitos dos textos que analisei tinham essa característica. Especialmente aqueles que tinham como mérito não só o testemunho,

³⁹ RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e pós-Modernidade no Brasil. *Cadernos do Arquivo Edgar Leuenroth*, v. 3, n. 3, pp. 11-43, 1996/1997.

⁴⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie Gagnebin. Existência ou inexistência de uma literatura especificamente feminina, *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, n. 3/4, julho a dezembro 1982, p. 13.

⁴¹ *Ibidem*, pp. 13-14.

mas também o valor estético. Caso dos trabalhos literários de Alice Rühle-Gerstel. Em um romance de exílio com traços autobiográficos, intitulado *A ruptura ou Hanna e a liberdade*, ela traz a desigualdade de gênero para o centro das discussões, a começar pelo fato de que a personagem central é uma mulher. Hanna é uma militante do partido comunista, que precisou fugir da Alemanha para a República Tcheca após a ascensão de Hitler. Durante o romance, ela percebe todos os constrangimentos que estão envolvidos na participação de uma mulher na política, mesmo a política que tem como mote a emancipação humana. Esse livro é considerado o primeiro que é, ao mesmo tempo, anti-Hitler e anti-Stálin. Alice Rühle-Gerstel percebeu de maneira muito precoce os novos rumos tomados pelo partido comunista. Durante o romance, torna-se evidente que ela deve essa percepção ao fato de ser mulher, porque foram inicialmente as novas diretrizes do partido no sentido de controlar aspectos privados da vida dos filiados que despertaram sua atenção para uma guinada mais totalitária do comunismo russo. No romance, essa percepção da autora torna-se visível quando narra a ocasião em que o partido comunista distribui a seus membros um formulário no qual pergunta sobre aspectos de suas vidas privadas: estado civil, vida sexual, relacionamentos, família etc. Para a personagem Hanna tudo isso parece muito invasivo e contraria a “cultura da revolução”. Parece-lhe que o partido sofre uma grande reorientação: todas as críticas ao modelo “burguês” de família retrocedem e agora é relevante saber como os membros conduzem suas vidas privadas. Ela teme ainda o avanço do conservadorismo:

Depois da elevada apreciação da monogamia e da fidelidade ao lar recentemente valorizada e recomendada, os próximos passos não deveriam ser a proibição do aborto, a restrição da separação, a remissão da mulher da vida profissional para a casa, na dependência de um único homem...?⁴²

Também na forma estética é possível reconhecer traços daquela escrita feminina despreocupada com a afirmação de uma identidade unívoca, conforme elaborado por Jeanne Marie Gagnebin em texto mencionado. O romance de Rühle-Gerstel tem elementos anti-heroicos

⁴² RÜHLE-GERSTEL, Alice. *Der Umbruch oder Hanna und die Freiheit* [A ruptura ou Hanna e a liberdade]. Frankfurt a. M.: Fischer, 1984, p. 152.

fortes. Hanna é uma personagem de certo modo insegura – ou, talvez, dotada de uma identidade fluida, que se permite duvidar. Frequentemente ela põe em dúvida inclusive suas convicções políticas. Não como um sujeito simplesmente dilettante, mas como alguém que se permite refletir para além de uma ideologia previamente estabelecida. São dúvidas muitas vezes passageiras, mas inerentes a uma personagem que sempre pondera tudo o tempo todo, que vê sempre “muitos lados das coisas”, como ela afirma em uma passagem. Com traços fortemente autobiográficos, o romance parece testemunhar reflexões que são feitas pela própria autora.

Além disso, as desigualdades de gênero também aparecem de outras formas, eventualmente mais diretas, na literatura produzida pelas exiladas de língua alemã na América Latina. Há, por exemplo, o choque da jornalista e escritora Marte Brill (1894-1969) com as conformações extremas da desigualdade de gênero no Brasil – país onde esteve exilada e permaneceu até sua morte. Ela percebe que, nos anos 1930, as mulheres não podiam ir sozinhas a um café por causa da repressão moral que sofriam. Uma mulher que atuasse como artista, como era o caso de uma amiga sua, também exilada, era aqui “apenas uma presa, uma selvagem nobre, que todos queriam caçar”⁴³.

De modo geral, é possível perceber uma grande sensibilidade das exiladas para essa dimensão de gênero. Essa sensibilidade aparece amplamente conectada à própria experiência dessas mulheres. Em Lenka Reinerová o tema também é constante, como exemplifica a seguinte passagem:

Quando se é uma mulher, é-se contada como pertencente ao sexo delicado, àquelas criaturas que são designadas como ornamento da existência e nas quais, conforme um provérbio checo, não se deve bater nem com uma flor. No entanto, espera-se delas – com muito poucas exceções – que, em tudo, mantenham o compasso com aquelas criaturas que não costumam ser designadas como ornamento da vida, ou seja, com os homens, que elas controlem o orçamento doméstico para

⁴³ RÜHLE-GERSTEL, Alice. *Der Umbruch oder Hanna und die Freiheit*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1984, pp. 137-8.

eles, presenteiem a eles com crianças, deixem para eles as funções e postos decisivos na sociedade etc.⁴⁴

A experiência de ser mulher e escritora em um mundo onde prevalece a dominação masculina inclusive no campo da literatura é frequente também em Hilde Domin. Essa escritora aborda o tema muitas vezes de maneira irônica, como atesta o seguinte trecho:

Depois de meu último volume de poesia (*Ich will dich* [Eu quero você], 1970), recebi uma carta de um colega famoso, dizendo que eu seria “um homem entre os poetas”. O “nada mais a acrescentar” [*Nonplusultra*] de seu reconhecimento. Se eu me alegrrei com o fato de que eu, uma pessoa de segunda mão, fui aqui promovida à pessoa de primeira categoria?⁴⁵

Enfim, seja como exiladas, seja como escritoras, as experiências dessas mulheres estão atravessadas pela condição de gênero. E as dificuldades e possibilidades oferecidas por essa diferença acabam aparecendo na literatura que elas produziram, ora de maneira direta, ora de maneira mais sutil, sob a égide das peculiaridades estéticas da escrita feminina.

Considerações finais

A situação de exílio, o gênero feminino e a condição de sobrevivente da catástrofe nazista são três marcadores de identidade coligidos na escrita das mulheres exiladas na América Latina em consequência de perseguições pelo nacional-socialismo.

Ao longo desta discussão, procurei destacar a dimensão de alteridade que é especialmente pertinente à literatura de exílio, pois ela comunica o encontro e/ou conflito entre duas culturas em um mesmo

⁴⁴ REINEROVÁ, Lenka. Frauen [Mulheres]. In: REINEROVÁ, Lenka. *Der Ausflug zum Schwanensee*. Berlim e Weimar: Aufbau, 1983, pp. 5-6.

⁴⁵ DOMIN, Hilde. Über die Schwierigkeiten, eine berufstätige Frau zu sein [Sobre as dificuldades de ser uma mulher profissionalmente ativa]. In: DOMIN, Hilde. *Von der Natur nicht vorgesehen. Autobiographisches* [Não previsto pela natureza. Autobiográfico]. Frankfurt a. M.: Fischer, 1997, p. 49.

indivíduo. Nesse sentido, também foi possível chamar a atenção para a forma literária tomada por aspectos específicos das sociedades latino-americanas onde as escritoras estiveram exiladas. O trânsito físico forçado também é acompanhado por trânsitos de identidade e isso pôde ser constatado de diferentes modos nas diferentes escritoras, com destaque para Hilde Domin, Paula Ludwig e Lilo Linke.

Em segundo lugar, mas sempre de maneira concomitante, a interpretação se pautou pela relação entre trauma e narração, procurando elaborar as formas como as escritoras lidaram com a simultânea dificuldade e necessidade de elaborar de forma linguística situações traumáticas. Essa dimensão propriamente do testemunho está presente em todas as narrativas examinadas, sejam elas biográficas ou ficcionais, embora aqui tenha me atido aos trabalhos de Lenka Reinerová.

Por último, o recorte de gênero estabelecido durante a pesquisa que originou este texto contribuiu para chamar a atenção para algumas peculiaridades da escrita feminina, não no sentido essencialista e normativo da existência de regras para o discurso das mulheres, mas no sentido de que a escrita literária também está sujeita às relações historicamente cunhadas entre os gêneros. O tratado escrito por Rühle-Gerstel (uma das exiladas pesquisadas) acerca da mulher na sociedade moderna ajudou a moldar a argumentação a respeito de gênero e literatura tanto no caso de sua própria produção literária como no caso da produção das outras escritoras analisadas. O eixo fundamental da discussão é a divisão entre esfera pública e privada coligidas para determinar as desigualdades de gênero. Nesse sentido, procurei apontar, com base nos textos literários, as restrições à participação das mulheres na esfera pública (da política, do discurso etc.). Além disso, também busquei elaborar de que forma as mulheres pesquisadas buscaram questionar tais restrições com base em suas atividades literárias. Um distintivo dessa produção é justamente o questionamento das identidades fixas e normativas realizado por meio da linguagem. Essa dimensão pôde ser constatada nas diferentes autoras, mas aparece, com maior destaque, em Alice Rühle-Gerstel, Marte Brill, Hilde Domin e Lenka Reinerová.

Por fim, o que a literatura de exílio e também a assim chamada literatura de testemunho indicam é uma transformação no âmbito da exposição literária que está profundamente imbricada a fenômenos

históricos – ou ao século que Eric Hobsbawm denominou de “era das catástrofes”⁴⁶. O caso específico da pesquisa que realizei com as escritoras exiladas na América Latina faz parte de um fenômeno que se delineia ao longo do século XX no qual a literatura rompe com a clausura do estético e, nesse sentido, avança para o domínio da história. Theodor Adorno formulou essa mudança da seguinte forma:

O conceito de uma cultura que se ressuscita depois de Auschwitz é ilusório e ilógico e toda configuração que ainda surge deve pagar o preço amargo por isso. Contudo, porque o mundo sobreviveu ao seu próprio declínio, ele precisa também da arte como sua escrita inconsciente da história. Os artistas autênticos do presente são aqueles em cujas obras o horror extremo é citado.⁴⁷

Nesse sentido, torna-se não só legítimo como necessário associar esferas tão aparentemente distantes como aquelas de que fazem parte a literatura e a resistência: o estético e o político só andam juntos porque, como formulou Walter Benjamin e conforme testemunha nossa história, “não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie”⁴⁸.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Jene zwanziger Jahre [Aqueles anos vinte]*. In: ADORNO, Theodor. *Gesammelte Schriften*, v. 10. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1986.
- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

⁴⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁴⁷ ADORNO, Theodor. *Jene zwanziger Jahre [Aqueles anos vinte]*. In: ADORNO, Theodor. *Gesammelte Schriften*, v. 10. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1986, p. 506.

⁴⁸ BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs, colecionador e historiador. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, pp. 123-64.

ALEMANHA. Stiftung Jüdisches Museum Berlin; Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland (Orgs.). *Heimat und Exil. Emigration der deutschen Juden nach 1933* [Pátria e exílio. Emigração dos judeus alemães pós 1933]. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2006.

BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs, colecionador e historiador. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, pp. 123-64.

BOPP, Marianne O. de. Die Exilsituation in Mexiko. In: DURZAK, Manfred (Org.). *Die deutsche Exilliteratur 1933-1945*. Stuttgart: Reclam, 1973, pp. 175-82.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *O Anti-semitismo nas Américas*. São Paulo: Edusp 2007.

DOMIN, Hilde. Rundfunkstatement 1975. In: SCHEIDGEN, Ilka. Abel, steh auf, damit es anders anfängt zwischen uns. Begegnungen mit Hilde Domin. *Publik – Forum*, ano 21, n. 15, 14 de agosto de 1992.

DOMIN, Hilde. Über die Schwierigkeiten, eine berufstätige Frau zu sein. In: DOMIN, Hilde. *Von der Natur nicht vorgesehen. Autobiographisches*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1997.

DOMIN, Hilde. Unter Akrobaten und Vögeln. Fast ein Lebenslauf. In: DOMIN, Hilde. *Gesammelte autobiographische Schriften. Fast ein Lebenslauf*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1998.

DREKONJA-KORNAT, Gerhard. Sosúa o el exilio austriaco en la República Dominicana. In: DOUER, Alisa; SEEGER, Ursula (Orgs.). *Qué lejos está Viena. Latinoamérica como lugar de exilio de escritores y artistas austriacos*. Zirkular, Viena, número especial 44, pp. 82-3, 1955.

DURZAK, Manfred. Literarische Diaspora. Stationen des Exils [Diáspora literária. Estações do exílio]. In: DURZAK, Manfred (Org.). *Die deutsche Exilliteratur 1933-1945*. Stuttgart: Reclam, 1973.

ECKL, Marlen. *Das Paradies ist überall verloren. Das Brasilienbild von Flüchtlingen des Nationalsozialismus*. Frankfurt a. M.: Vervuert, 2010.

- ECKL, Marlen. "Der Schmelztiegel" – die Darstellung São Paulos in Malerei, Literatur und Fotografie der Familie Brill, *Martius-Staden-Jahrbuch*, n. 58, 2011.
- FLUSSER, Vilém. *Bodenlos. Uma autobiografia filosófica*. São Paulo: AnnaBlume, 2007.
- FRIEDMANN, Germán C. Alemanes antinazis e identidad alemana en la Argentina. La conformación de una identidad colectiva en un grupo minoritario, *Studi Emigrazione*, Centro Studi Emigrazione Roma, v. XLVI, n. 174, abril-junio de 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie Gagnebin. Existência ou inexistência de uma literatura especificamente feminina, *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, n. 3/4, julho a dezembro 1982.
- HELWIG, Heide. "Ob niemand mich ruft". *Das Leben der Paula Ludwig*. Ebenhausen bei München: Langewiesche-Brandt, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo: Edusp, 2003.
- KOHUT, Karl; MÜHLEN, Patrick von zur (Orgs.). *Alternative Lateinamerika: das deutsche Exil in der Zeit des Nationalsozialismus*. Frankfurt a. M.: Vervuert, 1994.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- LINKE, Lilo. *Viaje por una revolución*. Quito: Ed. Casa de la cultura ecuatoriana, 1956.
- LUDWIG, Paula. *Gedichte. Gesamtausgabe*. Ebenhausen bei München: Langewiesche-Brandt, 1986.
- RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e pós-Modernidade no Brasil, *Cadernos do Arquivo Edgar Leuenroth*, v. 3, n. 3, pp. 11-43, 1996/1997.
- REINEROVÁ, Lenka. Der Ausflug zum Schwanensee. In: REINEROVÁ, Lenka. *Der Ausflug zum Schwanensee*. Berlim e Weimar: Aufbau, 1983.

REINEROVÁ, Lenka. Frauen. In: *Der Ausflug zum Schwanensee*. Berlim e Weimar: Aufbau, 1983.

ROSENFELD, Anatol. Introdução. In ROSENFELD, Anatol (Org.). *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

RÜHLE-GERSTEL, Alice. *Die Frau und der Kapitalismus* [1932]. Frankfurt: Neue Kritik, 1972.

RÜHLE-GERSTEL, Alice. *Kein Gedicht für Trotzki. Tagebuchaufzeichnungen aus Mexico*. Frankfurt: Neue Kritik, 1979.

RÜHLE-GERSTEL, Alice. *Der Umbruch oder Hanna und die Freiheit*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1984.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 46-60.

SANTOS, Patrícia da Silva. Literatura de exílio: quando o chão que resta é a palavra. In: *Anais 40º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: ANPOCS, 2016.

SANTOS, Patrícia da Silva. Nação e palavra: escritores de língua alemã no exílio latino-americano, *Interseções*, v. 21, n. 2, pp. 410-31, ago. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2006.

STERNFELD, Wilhelm; TIEDEMANN, Eva. *Deutsche Exilliteratur 1933-1945: eine Bio-Bibliographie*. Heidelberg: Lambert Schneider, 1970.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2002.